



Opinião Econômica

Samuel Pessôa

Pesquisador do Instituto Brasileiro de Economia (FGV) e sócio da consultoria Reliance, É doutor em economia pela USP



Limites do modelo petista de governar

Desenrola estimulou as pessoas a dobrar a aposta e se endividar mais

No início de seu terceiro mandato, Lula criou o Desenrola Brasil. O programa criava condições especiais para a renegociação de dívidas de pessoas negativadas. Adicionalmente, o governo estabeleceu, adotando o modelo inglês, que o juro acumulado no empréstimo do cartão de crédito não pode ultrapassar 100% do empréstimo original.

Essas medidas surtiram efeito. O programa Desenrola renegociou R\$ 52 bilhões, e a limitação ao acesso ao cartão de crédito, o muro inglês após os juros acumularem mais de 100% do crédito original, é efetiva.

Adicionalmente, a situação econômica melhorou muito para as famílias. Nos últimos três anos,

a renda real do trabalho principal, medida pela pesquisa nacional por análise de domicílios, cresceu 13,3%. A inflação de alimentos correu nesse período três pontos percentuais abaixo da inflação cheia. Finalmente, as taxas de desemprego estão nas mínimas históricas.

Como é possível que, com uma situação tão favorável da economia e após toda a renegociação das dívidas promovidas pelo Desenrola, o comprometimento da renda das famílias com dívidas tenha se elevado de 28%, no fim de 2022, para 29%, agora?

Deve ter ocorrido o que os economistas chamam de risco moral. O Desenrola estimulou as pessoas a dobrar a aposta e tomar mais dívida, talvez já prevendo o

Desenrola 2 para o início do próximo governo. Algo semelhante ocorre quando há um plano de renegociação de dívidas tributárias, os famosos Refis.

Ou seja, é necessário que, com as políticas públicas, o comportamento das pessoas mude. Recentemente o presidente Lula reconheceu esse fato. Em um evento em Goiás, afirmou:

“A economia está bem, mas nós temos a sociedade brasileira um pouco endividada. Eu vou tentar explicar para vocês o seguinte. Quando a gente tem uma dívida porque a gente comprou um patrimônio novo, por exemplo, uma dívida que você está comprando uma casa, é uma dívida boa. Porque você está devendo, mas você

comprou um patrimônio. Se você quiser vender, você vai ganhar dinheiro nisso. [...] Então tem algumas dívidas que são necessárias, e eu acho que essa dívida é importante as pessoas terem, para que as pessoas possam crescer”.

E continuou. “A gente tem que ir fazendo a dívida, [mas] sempre olhando aquilo que a gente vai pagar com aquilo que a gente ganha. Se a gente fizer uma dívida maior do que o salário da gente, e a prestação for maior do que o que sobra de dinheiro no final do mês, a gente está lascarado. A gente pede comida pelo celular, a gente paga a conta pelo celular, a gente faz compra pelo celular. Quando a gente vai comprando, é R\$ 50 ali, é R\$ 30, é R\$ 40, parece que não é

nada. Mas, quando chega ao final do mês, a somatória dessa quantidade de pouquinhos vira grande. Aí a gente começa a ficar zangado. Pô, trabalhei o mês inteiro, recebi meu salário e não sobrou nada, cara. Não sobrou nada. Aí quem que você xinga? O governo.”

As instituições precisam ser desenhadas para estimular um comportamento produtivo das pessoas. Parece que não está funcionando. Como documentei há duas semanas neste espaço, o crescimento da produtividade do trabalho tem sido muito baixo. O elevado endividamento indica que o modelo petista de governar -tributar e redistribuir sem considerar os incentivos- atinge seus limites.

Crédito ágil para o seu negócio.

Banrisul Giro Digital

é a linha de crédito ideal para necessidades de caixa, investimentos e melhorias no seu negócio.



Docile inicia novo ciclo de investimentos para aumentar eficiência da produção

/INDÚSTRIA

Eduardo Torres

eduardo.torres@jcrs.com.br

Finalizado o significativo investimento de R\$ 100 milhões, que permitirá à fabricante de doces, Docile, em Lajeado, aumentar em 50% a sua capacidade produtiva, a empresa líder brasileira em exportações do setor agora inicia um novo ciclo de investimentos que prevê o desembolso de R\$ 50 milhões entre 2026 e 2027. O objetivo agora, aponta o presidente da empresa, Ricardo Heineck, é garantir o crescimento da produção com o máximo de eficiência possível.

“Nossas atenções, em investimentos, agora estarão voltadas especialmente para melhorias de equipamentos, desenvolvimento de produtos e melhorias em embalagens”, diz o executivo.

Segundo ele, haverá a ampliação de cinco mil metros quadrados de área construída no município do Vale do Taquari a serem ocupados com a área de armazenagem, deslocada de outro espaço, que agora será ocupa-

do pela produção, com a instalação dos novos equipamentos que estão em fase de instalação e, aí sim, permitirão à Docile chegar a uma capacidade de 300 toneladas produzidas por dia.

Entre as ações previstas para este novo ciclo, aponta Heineck, está a avaliação de todo o portfólio de produtos da Docile. Hoje, são 180 itens no Brasil e 400 no mercado externo. Mas isso não significa deixar de inovar.

“Na feira supermercadista de São Paulo em maio, por exemplo, teremos um produto inédito no Brasil. Uma das nossas principais estratégias para seguirmos crescendo no mercado é nos diferenciarmos. Desde o aroma, a textura, a embalagem. Sempre trabalhamos para gerar experiências novas ao consumidor”, garante o presidente.

Neste ano, a Docile já lançou ao mercado, por exemplo, as chamadas “tortinhas”, que reproduzem sabores de sobremesas clássicas em balas de gelatina. Conforme o levantamento Nielsen, a Docile garantiu um crescimento de 19,3% em 2025. Resultado, segundo Heineck, do trabalho



Fabricante de doces prevê aporte de R\$ 50 milhões entre 2026 e 2027

intenso nos últimos anos para consolidação da marca e presença em canais de venda mais modernos. Agora, segundo ele, o plano é estar mais presente nos pontos de venda do País.

A Docile representa hoje 11,6% do mercado brasileiro de doces. Em dois anos, a meta é chegar a uma fatia de 15% deste mercado.

No ano passado, mesmo com o tarifaço dos Estados Unidos, a Docile manteve a liderança como principal exportadora brasileira do setor. As vendas para o mercado externo representam 35% do

faturamento da empresa.

“Durante o tarifaço, saltamos de uma taxa de 5,6% no mercado dos Estados Unidos para 55,6%, foi muito pesado, mas conseguimos negociar e manter clientes por lá, inclusive com volumes de venda semelhantes. Nossa dificuldade é a competição com países que não tinham sobretaxa. Agora, voltamos para 15,6%, com perspectiva ainda de ir a 20,6% de taxa. É um patamar de igualdade com outros países, exceto o México”, explica Ricardo Heineck, que agora também tem atenção vol-

tada ao avanço do acordo entre União Europeia e Mercosul.

A Docile tem boa participação no mercado da Inglaterra, que está fora da União Europeia, onde a marca gaúcha ainda está em fase inicial das relações de vendas.

“É um mercado de nicho ainda, para produtos de baixos índices de corantes, de aromas artificiais e com ingredientes sem modificações genéticas. É um trabalho que temos desenvolvido há dois anos. Não acredito que, com o acordo, essa característica e rigor nos produtos vá mudar. Nós, da Docile, estamos prontos para produzir este produto diferenciado”, afirma.

Ficha Técnica

- **Investimento:** R\$ 50 milhões
- **Estágio:** Em execução até 2027
- **Empresa:** Docile
- **Cidade:** Lajeado
- **Área:** Indústria
- **Investimento em 2025:** R\$ 100 milhões